

Construção da memória e resistência no livro “Diário de um detento”.

MARCELA DE PAOLIS*¹

Nesse trabalho pretendo discutir alguns aspectos sobre a construção da memória no livro *Diário de um detento*, escrito por Jocenir e publicado em 2001 pela editora Labortexto. Como o título do livro sugere, *Diário de um detento* narra a experiência prisional do autor no sistema penitenciário paulista entre os anos de 1994 a 1998. Apesar de intitulado “diário”, a estrutura do livro não segue uma divisão de descrição dos dias; sendo os capítulos separados por temas que, entretanto, obedecem a uma ordem cronológica. Além da sua narrativa, a edição apresenta algumas cartas trocadas com familiares e amigos e a letra da música também chamada *Diário de um detento*². Vale destacar aqui que essa canção é uma parceria de Jocenir com o rapper Mano Brown, responsável pelo lançamento desse sucesso musical³. Logo no início do livro o próprio autor explica o título e conta sobre o dia em que conheceu Mano Brown; entretanto só na metade da leitura descobrimos que Jocenir é um pseudônimo, fruto de um equívoco do *rapper* que o autor decidiu manter, sendo que seu verdadeiro nome é mantido em sigilo.

Jocenir é acusado de receptação de carga roubada e fica detido por quase quatro anos. Nesse período ele transita por diferentes presídios do Estado de São Paulo, incluindo a famigerada Casa de Detenção Professor Flamínio Fávero, mais conhecida como Carandiru. Sua narrativa é dedicada totalmente a sua experiência prisional, informações externas a esse ambiente somente são trazidas quando relacionadas a ele. Apesar de escrito depois que saiu da prisão, o autor não procura narrar o que aconteceu quando foi solto ou o que faz no momento em que escreve o livro.

Considerando o tema do livro – a experiência prisional – e a maneira como ele é elaborado – uma narrativa que informa o que passou ao mesmo tempo em que reflete

¹ Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), mestranda em história social.

² Grupo Racionais Mcs. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra, 1998.

³ O cd “Sobrevivendo no inferno”, que traz a música “Diário de um detento”, vendeu cerca de 500 mil cópias de acordo com o *site* do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira: <http://www.dicionariompb.com.br/racionais-mcs/dados-artisticos> (acesso em 01 de março de 2011)

sobre os acontecimentos – podemos discutir sobre o gênero literário do livro. De imediato, podemos considerá-lo uma autobiografia; ‘auto’ já que é o próprio biografado quem escreve. Entretanto, em uma biografia espera-se ler uma ampla trajetória do biografado; muito provavelmente desde os primeiros anos de vida até a maior idade alcançada. Algo semelhante acontece quando nos referimos a uma memória: a expectativa também é de que haja o maior número possível de acontecimentos, cobrindo grande parte da vida de quem escreve⁴. Nesse sentido, o livro *Diário de um detento* não se encaixaria em nenhum desses dois padrões. Gostaria então de aproximá-lo do conceito de testemunho⁵.

Os livros considerados como “literatura de testemunho” são assim caracterizados por trazer a narrativa pessoal de um sobrevivente de uma situação considerada de extrema violência física e psicológica. Essa categoria surge com os depoimentos dos judeus que estiveram em campos de concentração durante a segunda guerra mundial, particularmente com a obra de Primo Levi⁶. Na América Latina, livros publicados por presos políticos da ditadura militar também têm sido inseridos nessa mesma categoria.

Para os autores que defendem o conceito de literatura de testemunho, não é apenas o tema que delimita esse campo:

“A literatura de testemunho apresenta um modo totalmente diverso de se relacionar com o passado. A sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado presente para a elaboração do testemunho. A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (...) Ao invés de visar uma representação do passado, a literatura de testemunho tem em mira a sua construção a partir de um presente.” (SELIGMANN-SILVA, 2000: 95)

⁴ Ramos, Tânia Regina Oliveira. “Por uma poética das memórias literárias”. Revista ComCiência [online], março de 2004, número 52, Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml> Acesso em 01 de março de 2011.

⁵ O texto de Sven Kramer: “Sobre a relação entre trauma e catarse na literatura” (Em: Duarte, R.. [et al] *Kátharsis. Reflexos de um conceito estético*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.) traz uma síntese do percurso dessa denominação. Márcio Seligmann-Silva também trabalha extensivamente com o surgimento e o desenvolvimento do conceito de trauma e sua relação com a literatura, por exemplo no texto “Literatura e trauma”. Em: _____. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. Editora 34: São Paulo, 2006.

⁶ Seu livro *É isto um homem?* foi publicado pela primeira vez em 1947. Edição brasileira da editora Rocco, Rio de Janeiro, 1988.

Nesse sentido, o formato cronológico de *Diário de um detento* o afasta dessa concepção de ‘literatura de testemunho’; de qualquer maneira, sua narrativa, a construção crítica de sua experiência, a impossibilidade do esquecimento e as marcas reveladas pelo período na prisão, certamente aproximam Jocenir dessa categoria de testemunho. Mais do que procurar um melhor rótulo para uma obra, interessa aqui discutir suas características e quais as maneiras mais adequadas de interpretá-las, levando em consideração as diferentes hipóteses interpretativas.

Escrever sobre uma experiência considerada traumática, inesquecível e que marca o autor de maneira irremediável tem conseqüências pessoais para quem escreve e também conseqüências sociais e políticas para a sociedade que entra em contato com essa narrativa. Se essa escrita pode, em certa medida, apaziguar as angústias do escritor, ela também expõe uma violência – e nos casos aqui destacados (sobreviventes do Holocausto, presos políticos e presos comuns; como Jocenir) – que é realizada pelo Estado. O registro dessa violência em uma narrativa – chamada biografia, memória ou testemunho – escrito por quem a sofreu, pode ter um peso considerável em decisões políticas e avaliações históricas. A argentina Beatriz Sarlo⁷ destaca a enorme importância que as publicações de presos políticos durante a ditadura militar em seu país teve em pedidos de indenização e mesmo em análises sobre esse período:

“A memória foi o dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina. O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a idéia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas, não tivessem existido.”
(SARLO, 2007:20)

⁷ Particularmente no livro *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Cia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

A exposição de um testemunho, carrega, assim, implicações mais amplas do que o êxito pessoal na realização de uma narrativa. Em *Diário de um detento*, o autor inicia o livro dizendo que irá contar o que foi o “seu inferno”, e que esse inferno é também o de muitos outros: “(...) este é meu inferno, doloroso e meu. Meu e de milhares de companheiros que tentam sobreviver trancafiados.” (pág. 17). A fala de Jocenir indica que apesar de ser a narrativa de sua experiência individual, trata-se também da experiência de muitos outros; quem fala é o Jocenir a partir de sua percepção individual, mas ele não está sozinho e muitos outros homens poderiam contar essa mesma história ou outras semelhantes.

Essa afirmação do autor pode ser bastante significativa em vários sentidos. Primeiro, há uma identificação com um grupo e não apenas com uma experiência particular; os presos e egressos podem se identificar com essas lembranças. Em segundo lugar, ao tomar essa narrativa como um exemplo do que acontece com um grupo, a assumimos não como uma exceção, mas como algo freqüente e mais amplo. A violência policial, as condições deploráveis do sistema penitenciário e mesmo judiciário do país não são percebidas como um caso raro e particular, mas sim como uma situação generalizada.

A intenção declarada por Jocenir ao contar sobre sua experiência não assume, entretanto, a forma de denúncia. Como é comum em testemunhos semelhantes, o ímpeto pela narrativa parte de uma angústia pessoal, de uma necessidade de compartilhar suas doloridas memórias. No início do livro, o autor explica: “Minha passagem por este mundo [das prisões] não será esquecida, quero contar um pouco dela.” (pág. 24).

A narrativa construída por Jocenir também traz um aspecto de reconciliação com sua condição de ex-presidiário. É significativo que ele se preocupe em esmiuçar a situação em que foi preso, procurando explicar em detalhes como tudo aconteceu e demonstrar que foi vítima de uma armação policial. Não nos interessa tentar averiguar a veracidade desse acontecimento, mas sim refletir sobre sua construção.

Também é interessante observar como Jocenir, ao longo do livro, destaca seu comportamento solidário com seus companheiros do cárcere e como era tido em alta estima pelo grupo. O episódio de sua saída da prisão é um bom exemplo:

“Ia pela galeria com um funcionário de cada lado quando comecei a ouvir de dentro das celas os gritos de adeus e boa sorte. Eram muitos gritando ao mesmo tempo. Em determinado momento o som tornou-se ensurdecedor, os companheiros começaram a bater com suas canecas de plástico nas portas. Era uma homenagem. Fiquei emocionado. Os funcionários não perceberam o motivo de tanto barulho e ficaram assustados, acharam talvez que estivesse começando algum levante de presos.” (JOCENIR, 2001: 170)

Enquanto esteve preso, Jocenir escreve cadernos de versos e reflexões, vendo nesse hábito uma maneira de ajudar a passar o tempo e apaziguar as angústias; ficando conhecido também pelos companheiros de cárcere por essa atividade. É importante levarmos em consideração que Jocenir não tinha nenhuma prática anterior com a escrita ou com o mercado editorial. Talvez não seja muito surpreendente que um jornalista ou um escritor de carreira resolva publicar uma vivência considerada marcante em sua vida, mas essa mesma escolha partindo de alguém que não tem a rotina da escrita é bastante significativa.

De qualquer forma, ao escrever e publicar a narrativa de sua experiência prisional, Jocenir contribui para o debate acerca das condições do sistema carcerário brasileiro, da investigação policial e mesmo do sistema judiciário.

Podemos observar um amplo campo de trabalhos sobre no tema das prisões brasileiras, seus presos e egressos, tanto em publicações literárias⁸, acadêmicas⁹ e

⁸ Alguns exemplos são os livros: ANDRÉ DU RAP. Sobrevivente do massacre do Carandiru. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002 BISILLIAT, Maureen (org). Aqui dentro: páginas de uma memória: Carandiru. São Paulo, Memorial, Imprensa Oficial, 2003; CASARIN, Doug. Carandiru 111. São Paulo: SENAC, 2003; INDARTE, Horácio. Zé Contente: a luta pela sobrevivência no Carandiru e em outras prisões. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003; LIMA, William da Silva. Quatrocentos contra um. Uma história do comando vermelho. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.; MENDES, Luiz Alberto. Memórias de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das letras, 2001. NEGRINI, Pedro Paulo. Enjaulados: presídios, prisioneiros, gangues e comandos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.; NENINHO DE OBALUAÊ. Beco sem sida: eu vivi no Carandiru. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999; PIETÁ, Elói. Pavilhão 9: o massacre do Carandiru. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.; PRADO, Antonio Carlos. Cella forte mulher. São Paulo: Labortexto, 2003.; RAMOS, Hosmany. Pavilhão 9. Paixão e morte no Carandiru. São Paulo: Geração Editorial, 2001.; RODRIGUES, Humberto. Vidas do Carandiru. Geração Editorial, 2002.; SOUZA, Percival. A prisão: histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1977.; VARELLA, Dráuzio. Estação Carandiru. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.; Vários autores. Letras da liberdade – Carandiru. São Paulo: Editora Madras, 2000. ; WOLFMANN, Luis Camargo. Portal do inferno, mas há esperança. São Paulo: WVC, 2000.

⁹ Uma maneira simples de mensurar a produção acadêmica sobre o tema é a pesquisa no banco de teses da CAPES. Na pesquisa por assunto, a palavra “Carandiru” retorna 21 teses e “prisões brasileiras” retorna 69 trabalhos. Se compararmos com o assunto “presos políticos” (224 teses) ou “ditadura militar brasileira

(405 teses), a proporção é baixa. Ainda assim, considero um número expressivo e de variedade significativa de áreas de pesquisa: letras, sociologia, antropologia, saúde, comunicação. Há ainda

produções artísticas¹⁰ em geral. É possível refletirmos sobre essa produção para tentar melhor compreender o ambiente carcerário e as pessoas que ali circulam, sejam como presos, funcionários ou visitantes. A partir dos relatos e memórias sobre o período em que estiveram encarcerados é possível compreendermos como o preso e o ex-presos pensa sua condição, como essas pessoas lidam com a violência e de que maneira procuram dar um significado a sua experiência.

Nesse sentido, é significativa a sugestão de Márcia Mansor D' Alessio em relação ao uso de biografias e testemunhos em pesquisas de história: “(...) porque historiadores voltam suas atenções para a memória como uma forma de auscultar a história? Uma hipótese geral pode orientar essa reflexão: os estudos de memória respondem a uma necessidade de busca de identidades ameaçadas.”¹¹ A proposta de trabalho com memórias de presos comuns é também de pensar em como acessar essas identidades consideradas ameaçadas e mesmo ameaçadoras de uma ordem social.

Independente de qual violência nos referimos – sobreviventes do Holocausto, presos políticos ou presos comuns -, a ação do historiador assume um papel central no processo de lembrança, esquecimento e o modo como opera esse trabalho de lembrar/esquecer.

“Enquanto Homero escrevia para cantar a glória e o nome dos heróis e Heródoto para não esquecer dos grandes feitos deles, o historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. (...) Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje.” (GAGNEBIN, 2006: 47)

pesquisas em andamento sobre o sistema penitenciário brasileiro, por exemplo as desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP, além de trabalhos acadêmicos em andamento apresentados em congressos.

¹⁰ Exemplos de filmes nacionais: Estação Carandiru, direção Hector Babenco, 2003; O prisioneiro da grade de ferro, direção Paulo Sacramento, 2003; Juízo, direção Maria Augusto Ramos, 2007; Leite e Ferro, Claudia Priscilla, 2010. Na música, além do grupo “Racionais MCs” que fala sobre o Carandiru, há outros grupos que tratam sobre o tema como “Pavilhão 9”, além de grupos que foram criados na própria Casa de Detenção, como “Detentos do Rap” e “509-E”. Gostaria de destacar também a obra “Cotidiano, o tempo no cárcere”, do mexicano Antonio Vega Macotela, exposta na última Bienal de São Paulo em outubro/2010.

¹¹ D'Alessio, Márcia Mansor. “Intervenções da memória historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes.” Em: Revista Projeto História do programa de pós-graduados em história e do departamento de história da PUC-SP. Número 17, Nov/1998.

Nesse sentido, podemos considerar o livro *Diário de um detento* e outros depoimentos feitos também por egressos do sistema penitenciário como importantes fontes para compreendermos a construção da identidade e busca pela significação de sua experiência prisional. A memória então é assumida como um recurso na disputa por um espaço intelectual, de visibilidade e discussão de um assunto.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

CUNHA, Eneida Leal. “Narrar ou morrer. Sobre vivências do sistema penitenciário brasileiro.” Em: *Revista Semear* 7, Rio de Janeiro, PUC-RJ, v1, 2002.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. “Intervenções da memória historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes.” Em: *Revista Projeto História* do programa de pós-graduados em história e do departamento de história da PUC-SP. Número 17, Nov/1998.

FERREIRA, Antonio Celso. “A fonte fecunda”. Em: PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Verdade e memória do passado”. Em: _____. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HOSSNE, Andrea. “Autores na prisão, presidiários autores: anotações preliminares à análise de *Memórias de um sobrevivente*”. Em: *Literatura e Sociedade (USP)*, São Paulo, v.8, 2005.

JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

KRAMER, Sven. “Sobre a relação entre trauma e catarse na literatura”. (Em: Duarte, R.. [et al] *Kátharsis. Reflexos de um conceito estético*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

LACAPRA, Dominick. “History and the Novel”. In: _____. *History & Criticism*. Cornell University Press Ithaca and London, 1985.

MENESES, Ulpiano Bezerra. “A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.”. Em: *Revista do IEB*, São Paulo, n. 34, 1992.

PEDROSO, Regina Célia. *Os signos da opressão: história e violência nas prisões brasileiras*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” Em: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vo. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Por uma poética das memórias literárias”. Revista ComCiência [online], março de 2004, número 52, Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml> Acesso em 01 de março de 2011.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado. *Cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Cia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Literatura e trauma”. Em:_____. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. Editora 34: São Paulo, 2006.